



PNUMA



# DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA

UM RESUMO PARA LÍDERES



# DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA

UM RESUMO PARA LÍDERES

# Índice

© Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, 2015

## Diretor da Publicação:

Naysán Sabha

## Autores líderes:

Sheng Fulai, Isabell Kempf, Pushpam Kumar, Ligia Noronha, Steven Stone e Pavan Sukhdev.

## Coordenação:

Angeline Djampou

## Design & Layout:

William Orlale

O conteúdo deste livro não reflete necessariamente as visões ou políticas do PNUMA ou dos editores, nem são um registro oficial. As designações utilizadas e a apresentação não implicam a expressão de qualquer opinião por parte do PNUMA sobre o estado legal de qualquer país, território, cidade ou suas autoridades, ou sobre a delimitação de suas fronteiras.

\* Todas as quantias em dólar (\$) se referem a dólares dos EUA.

<b>Mensagem de Achim Steiner</b>	<b>6</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>7</b>
<b>1. Visualizando o Amanhã</b>	<b>9</b>
Uma Economia de Permanência	9
<b>2. Reconhecendo o Hoje</b>	<b>13</b>
As Cadeias de Desafio	13
Desafios de mudança	15
<b>3. Descobrimos Caminhos para uma Economia Verde e Inclusiva</b>	<b>19</b>
Princípios	19
A importância dos Empregos	20
Adotando uma Economia Circular Compartilhada	22
Valoração Ambiental, o Princípio da Precaução, e o Capital Natural Crítico	24
Escolhas-chave para Políticas de Mudança Transformadoras	26
<b>4. Colaboradores e Campeões</b>	<b>31</b>
Repetindo e Expandindo Casos de Sucesso	31
Colaboração através de vários níveis de tomadores de decisões	32
Compartilhando Casos de Sucesso	34
<b>Notas Finais</b>	<b>37</b>

O PNUMA promove práticas ecologicamente corretas globalmente e em suas próprias atividades. Este relatório foi impresso em papel proveniente de florestas sustentáveis e com fibras recicladas. O papel não utiliza alvejantes ou tintas vegetais. Nossa política de distribuição visa diminuir a pegada ecológica do PNUMA.

## Mensagem de Achim Steiner

Vivemos em um mundo de limites ecológicos iminentes e pontos críticos ambientais, com disparidades sociais incessantes e pobreza persistente. Ameaças globais emergentes ao “Nosso Futuro comum” demandam maior ação coletiva, melhor compartilhamento de benefícios do desenvolvimento de recursos naturais, e maior financiamento para possibilitar ação transformativa. Para gerar esta mudança, nós precisamos de um novo imperativo moral ligado a resultados equitativos, preocupações compartilhadas e reivindicações justas, levando em consideração os direitos das futuras gerações. Devemos evoluir para um novo modelo econômico que seja capaz de avançar e atingir as metas de desenvolvimento sustentável e que represente a ambição dos países à medida que iniciam a implementação da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável.

A Economia Verde e Inclusiva (EVI) evoluiu de um trabalho anterior sobre Economia Verde. Em sua manifestação mais simples, essa economia é de baixo carbono e de produção eficiente e limpa, mas também inclusiva em consumo e resultados, fundamentada em compartilhamento, circularidade, colaboração, solidariedade, resiliência, oportunidade e interdependência. Ela foca em expandir as opções e as escolhas para economias nacionais através de políticas fiscais e de proteção social bem orientadas e adequadas. Ela é apoiada por instituições fortes especificamente voltadas a salvaguardar as áreas sociais e ecológicas. Além disso, ela reconhece que há muitos e diferentes caminhos para a sustentabilidade ambiental.

Este trabalho fala dos muitos benefícios – econômicos, da saúde, de segurança, sociais e ambientais – que tal abordagem traz às nações, levando em conta os diferentes desafios enfrentados ao longo do desenvolvimento contínuo pelos países, sejam eles desenvolvidos, emergentes ou em conflito. Ele argumenta a favor de políticas diferenciadas, que sejam vinculadas ao contexto e adaptadas. Uma abordagem integrada pode auxiliar os países a entender como maximizar, priorizar e pôr em prática os diferentes benefícios ao bem estar humano que podem resultar de um meio ambiente saudável.

Afinal, uma economia verde e inclusiva não deve apenas garantir empregos e renda, mas a nossa saúde, nosso meio ambiente e nosso futuro. Esse é o nosso desafio comum: criar condições para o aumento da prosperidade e para a crescente igualdade social, dentro dos limites de um planeta frágil e finito.



*Achim Steiner*  
Achim Steiner

Subsecretário-Geral das Nações Unidas e Diretor Executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

## Agradecimentos

Este trabalho contou com a contribuição de vários indivíduos enquanto evoluiu de um conceito inicial ao documento que você está vendo.

As idéias iniciais foram catalisadas por um retiro em Abu Dhabi onde se debateu sobre o papel do PNUMA no mundo “*pós-Rio+20*” com a presença de gerentes seniores e dos principais parceiros do PNUMA. A partir desse retiro seguiu-se uma série intensa de reflexões e conversas facilitadas por Mark Halle e uma equipe no Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável, que se comprometeu a apoiar o PNUMA a dimensionar o amplo escopo de uma “*Economia Verde 2.0.*” Somos gratos a Mark e aos colegas pelo apoio, pela energia e pelo entusiasmo criativos, constantemente elevando nossos padrões de ambição e mantendo nosso olhar no horizonte.

Uma equipe vasta e inclusiva do PNUMA levou a proposta adiante, composta por um núcleo de autores que inclui Sheng Fulai, Isabell Kempf, Pushpam Kumar, Ligia Noronha e Steven Stone. Este núcleo contou com o apoio de um conjunto bem maior de colaboradores de diversas áreas do PNUMA, como Iyad Abumoghli, Jacqueline Alder (agora na FAO), Charles Arden-Clarke, Wondosen Asnake, Margarita Astralaga (agora no FIDA), Dolores Barrientos, Matthew Billot, Christophe Bouvier, Noah Bucon, Michele Candotti, Sara Castro, Munyaradzi Chenje, Tim Christophersen, Matias Gallardo, Dorothee Georg, Julie Godin, Elliot Harris, Arab Hoballah, Salman Hussain, David Jensen, Tim Kasten, Jorge Lacuna Celis, Shaoyi Li, Eirik Lindebjerg (agora no WWF), Daiana Marino, Jacqueline McGlade, Anja von Moltke, Chiara Moroni, Elizabeth Mrema, Mara Murillo, Asad Naqvi, Maryam Niamir-Fuller, Martina Otto, Alberto Pacheco, Rowan Palmer, Pierre Quiblier, Mark Radka, James Rawles, Nick Robins, Benjamin Simmons, Elisa Tonda, Robert Wabunoha, Vera Weick, Mette Wilke, Wanhua Yang, Adriana Zacarias, Simon Zadek, Victoria Luque e Kaveh Zahedi. Gostaríamos de agradecer a cada um por suas perspectivas e contribuições neste esforço coletivo.

A orientação e o apoio de Achim Steiner, Diretor Executivo, e de Ibrahim Thiaw, Vice-Diretor Executivo do PNUMA, ao longo do processo, foram imensuráveis. Nosso agradecimento final, e de extrema importância, é especialmente para Pavan Sukhdev, presidente da GIST Advisory & Embaixador da Boa Vontade do PNUMA, por sua revisão externa meticulosa e seu empenho em esboçar o resumo deste trabalho, que você agora tem em mãos.

Quaisquer erros e omissões remanescentes são de responsabilidade do núcleo de autores.

# B

DESCOBRINDO  
CAMINHOS  
PARA UMA  
ECONOMIA VERDE  
E INCLUSIVA

UM RESUMO  
PARA LÍDERES

➤ MENSAGEM DE  
ACHIM STEINER

# C

DESCOBRINDO  
CAMINHOS  
PARA UMA  
ECONOMIA VERDE  
E INCLUSIVA

UM RESUMO  
PARA LÍDERES

➤ AGRADECIMENTOS



## Visualizando o Amanhã

### UMA ECONOMIA DE PERMANÊNCIA

Em seu artigo "A Economia da Futura Nave Espacial Terra"<sup>1</sup> (1966), Ken Boulding utilizou uma expressão bastante adequada para descrever a economia do seu tempo: "economia de cowboy." Nesta economia, escreveu, o sucesso era medido pela quantidade de rendimento dos fatores de produção (trabalho, terra e capital), e havia reservatórios infinitos para extrair matérias-primas e receber resíduos. Boulding continuou para descrever uma alternativa que considerava muito mais adequada à sobrevivência e ao sucesso humano: a "economia de astronauta," em que o rendimento seria algo a ser minimizado e a medida do sucesso não estaria na produção ou no consumo, mas na natureza, extensão, qualidade e complexidade do capital social total disponível aos humanos, incluindo o estado dos corpos e mentes dos seres humanos.

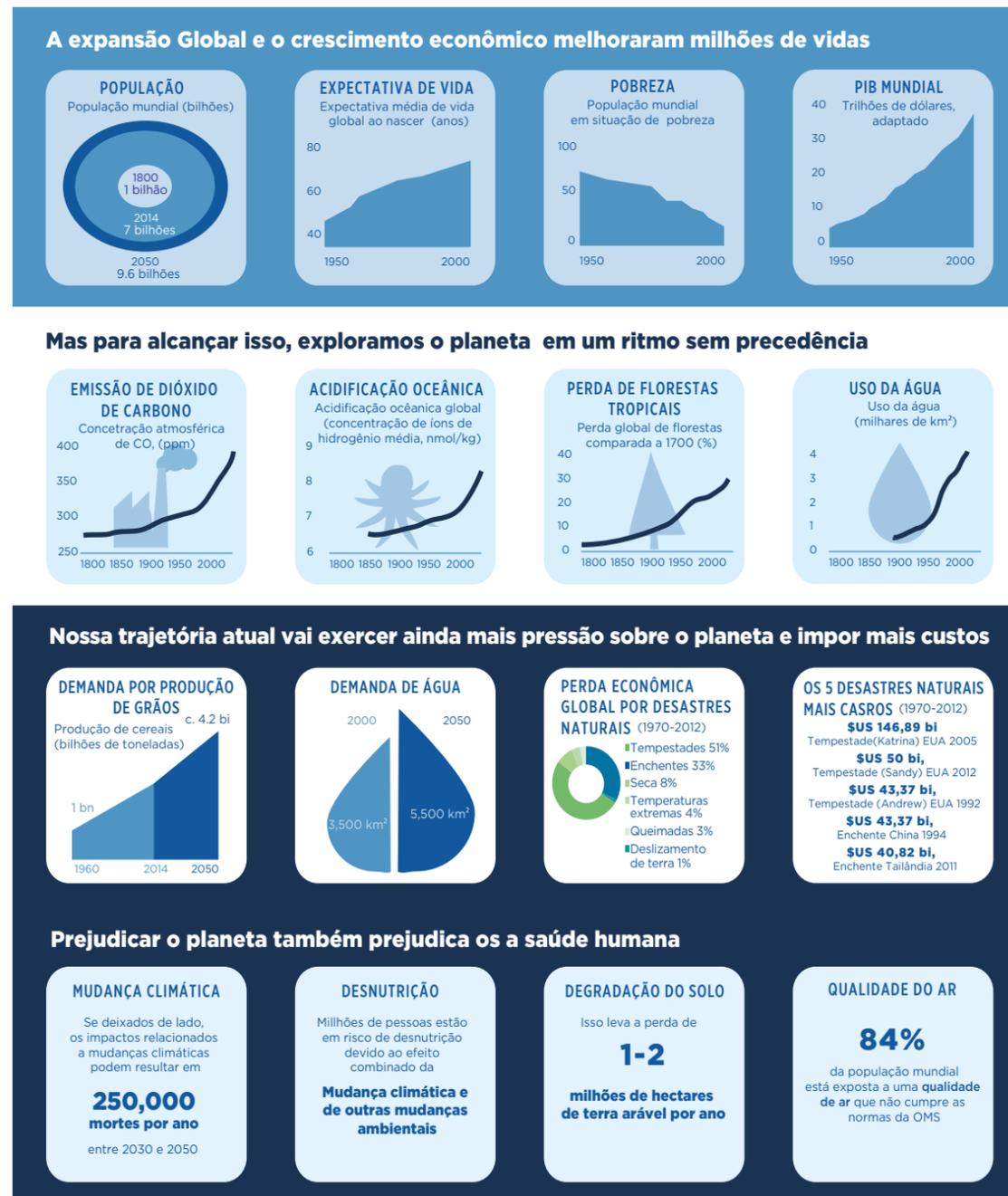
Infelizmente, meio século depois, nosso modelo econômico dominante ainda é a "economia de cowboy" de Boulding. Entretanto, agora estamos melhor posicionados para entender e avaliar os custos omitidos desse modelo e prever suas consequências. Agora temos o conhecimento científico, a tecnologia e a análise social e econômica das quais precisamos para projetar transições para modelos mais sustentáveis e igualitários. A "Economia Verde e Inclusiva" descrita aqui é um desses modelos.

A busca pela 'sustentabilidade' - de uma sociedade ou uma economia - é, em sua essência, uma busca por permanência. A natureza, com seus ritmos de vida diversos, abundantes e cíclicos é o melhor

exemplo da 'permanência' que escapou às civilizações humanas desde que o *homo sapiens* aprendeu a modificar seu ambiente para atender às suas necessidades. J.C.Kumarappa, um economista que colaborou com Mahatma Gandhi, examinou os vários tipos de economia encontrados na natureza<sup>2</sup> e concluiu que, para atingir uma permanência mesmo ainda relativa, nossa economia humana teria que ser uma combinação das economias da natureza de 'serviço' (ex. contribuição altruísta), de 'congregação' (contribuição em troca de benefícios coletivos em vez de privados) e de 'empreendimento' (contribuição em troca de benefícios privados). Tanto Boulding quanto Kumarappa, pensadores pioneiros da 'sustentabilidade', visualizaram, cada um a seu modo, economias de permanência que atenderiam às necessidades humanas reconhecendo limites e reproduzindo a ciclicidade dos sistemas naturais.

O processo de visualizar uma economia adequada para nosso futuro foi estimulado mais de três décadas depois, quando Walter Stahel e Genevieve Reday detalharam suas visões<sup>3</sup> de uma economia de ciclo fechado ou circular, e de seu impacto positivo na criação de empregos, competitividade econômica, economia de recursos e prevenção do desperdício. Tal trabalho foi baseado na visão holística de produtividade de recursos, além de contrário aos critérios convencionais de produtividade laboral. Uma década e meia mais tarde, von Weizsäcker e outros apresentaram mais evidências da possibilidade de aumentar de forma significativa a produtividade de recursos - quadruplicando-a.<sup>4</sup>

Fig.1 Economia, indivíduos e planeta saudáveis?



Fonte: Imagem adaptada de gráfico encontrado em <http://www.thelancet.com/infographics/planetary-health>. Dados adicionais do Banco Mundial. 2015. The Little Green Data Book 2015. Washington, DC: Banco Mundial. doi:10.1596/978-1-4648-0560-8 e PNUMA (2015): UNEP Inquiry: The Coming Financial Climate – The Inquiry's 4th Progress Report

Entretanto, apesar da crescente disponibilização de tecnologias relevantes e de justificativas econômicas para mudança, nosso modelo econômico dominante permanece uma economia de 'pegue-

-faça-descarte' baseada no estímulo à demanda de consumo, na redução de preços, no aumento do rendimento, e em pegadas ecológicas e ambientais cada vez maiores.

Ela gerou riqueza em muitos países para centenas de milhares de pessoas, mas deixou muitos em situação de pobreza e deixou as futuras gerações expostas aos riscos e custos das crescentes externalidades da superprodução e do consumo exacerbado.

Situando todos os seres humanos e o bem-estar deles no centro da agenda de mudança e focando precisamente em algumas metas e objetivos quantificáveis, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (com cumprimento estipulado para 2015) ancoraram transformações de políticas e investimentos socialmente responsáveis.

Entretanto, apesar de abordar as necessidades da base da pirâmide social e econômica, esses objetivos se revelaram insuficientes para promover o desenvolvimento para todos. Esta lacuna está sendo preenchida agora pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) a fim de dar rápido início à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Esta Agenda e os ODS oferecem uma oportunidade de reformular as políticas econômicas em torno dos principais elementos da sustentabilidade, concreta-

mente norteados pelo foco na construção e criação de economias verdes e inclusivas.

Atingir os ODS é essencial para a agenda aqui proposta de uma "Economia Verde e Inclusiva" através de elementos fundamentais que compreendem produção e consumo sustentáveis, resultados igualitários e investimentos para a sustentabilidade ambiental. Focando nas instituições, nas regras do jogo e nas políticas e incentivos que moldam e guiam os mercados, o comércio e o setor financeiro auxiliarão no alcance dos ODS redirecionando a atenção política e os recursos financeiros para a melhor gestão do nosso patrimônio e legado comuns.

Nas páginas seguintes, descrevemos nossos principais desafios assim como as soluções propostas para esses desafios. Mostramos como e por que a Economia Verde e Inclusiva possibilita um modelo econômico que representa um passo a frente, que irá apoiar o desenvolvimento sustentável, e é a incubadora adequada para a economia de astronauta da Terra, uma Economia de Permanência.



"Situando todos os seres humanos e o bem-estar deles no centro da agenda de mudança."



2

DESCOBRINDO  
CAMINHOS  
PARA UMA  
ECONOMIA VERDE  
E INCLUSIVA  
UM RESUMO  
PARA LÍDERES

RECONHECENDO  
O HOJE

© SHUTTERSTOCK

"Os impactos da poluição ambiental da degradação ds ecossistemas à saúde atingem mais as populações desfavorecidas e vulneráveis, inclusive crianças e mulheres".



## Reconhecendo o Hoje

2

DESCOBRINDO  
CAMINHOS  
PARA UMA  
ECONOMIA VERDE  
E INCLUSIVA  
UM RESUMO  
PARA LÍDERES

RECONHECENDO  
O HOJE

O título desta sessão, "*Cadeias de desafio e os Desafios da Mudança*", foi escolhido com um propósito específico. Primeiramente, afastar-se das "atividades padrão" é, sobretudo, desafiador, pois as mudanças de que precisamos são tão universais e interligadas que as estratégias de transição só serão bem-sucedidas se abordadas de modo sistêmico em todos os níveis da economia e da sociedade. Enumeramos abaixo algumas dessas "*cadeias de desafio*" para ilustrar este ponto.

### AS CADEIAS DO DESAFIO

É cada vez mais notável que os problemas globais mais graves atuais não são convenientemente separados em caixas; na verdade eles compõem uma vasta rede de cadeias, sendo que cada uma é ligada a muitas outras. O pensamento convencional de que desenvolvimento e meio ambiente mantém uma relação inversa, argumentando-se que a qualidade ambiental deve ser pensada somente após satisfeitas as necessidades de desenvolvimento, tem sido desafiado pelo reconhecimento de realidades importantes que são discutidas abaixo, e também pelo surgimento de uma série de estratégias de desenvolvimento, de práticas e de tecnologias "verdes" que evoluíram permitindo atender às necessidades humanas, enquanto evitam a destruição ambiental.

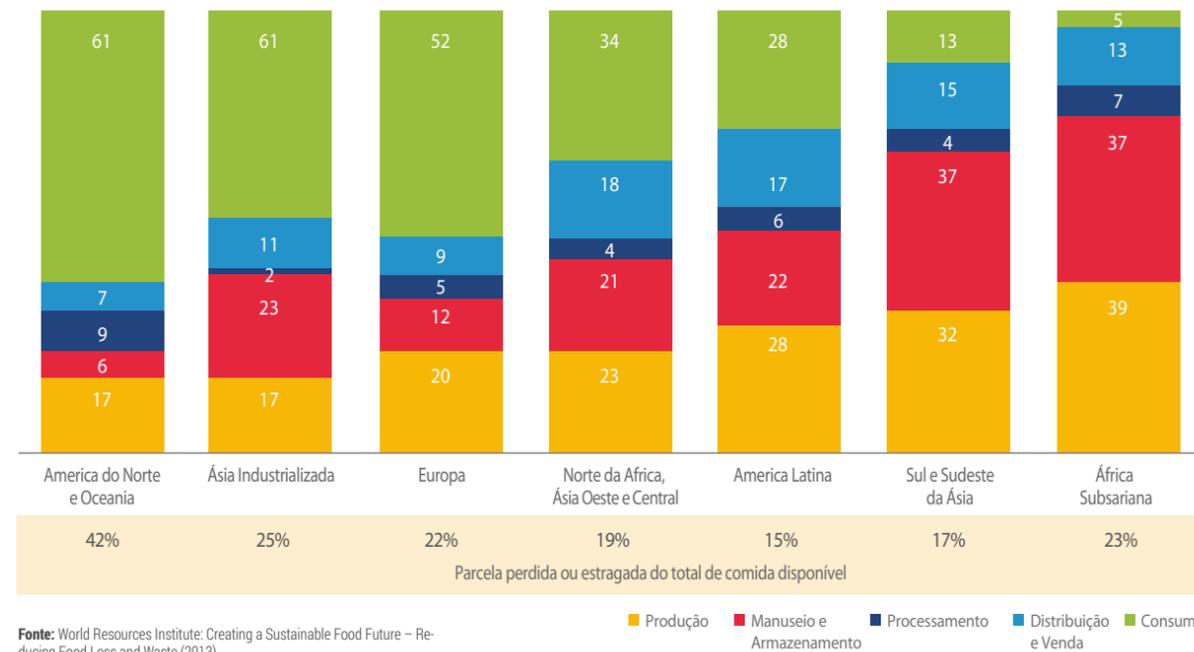
**A Saúde Humana é prejudicada pela degradação e pelas mudanças ambientais:**<sup>5</sup> ambientes mutantes, como clima, temperatura e chuvas também podem significar novos riscos de doenças transmissíveis. Doenças reconhecidas recentemente, como o Ebola,<sup>6</sup> SARS,<sup>7</sup> e a gripe Aviária<sup>8</sup> foram associadas a fatores ambientais.

Os impactos da poluição ambiental e da degradação de ecossistemas à saúde atingem mais as populações desfavorecidas e vulneráveis, incluindo crianças e mulheres. Doenças relacionadas ao ambiente não apenas atingem com mais peso as populações de baixa renda e vulneráveis, como também contribuem para a perpetuação da pobreza. Males ligados ao ambiente têm um impacto direto na produtividade econômica, tanto no nível doméstico quando no nacional, ao reduzir a habilidade de trabalhar.

**Danos ambientais provocados por práticas irresponsáveis de mineração e indústria são acompanhados por gastos com saúde e agitação social:** riscos à saúde por contaminação de terras e água provocadas pela indústria estão entre as queixas locais mais frequentes, e carregam o potencial de incitar conflitos. A inquietação social em torno da contaminação e da distribuição desigual da riqueza que resultam da extração de recursos tem sido observada em vários países.

**A pobreza persistente é exacerbada pela degradação dos ecossistemas:** Os 40% da base da população repartem menos de 4% do PIB global. A maioria dessas, cerca de 2 bilhões de pessoas vivem, em pequenas fazendas, próximas a florestas ou litorais, e dependem da capacidade produtiva da natureza e dos serviços dos ecossistemas para sua subsistência e para oportunidades de geração de renda. A maior degradação dos recursos naturais e dos ecossistemas aumentará a pobreza, a fome e a desigualdade econômica. A Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade estimou que serviços ecossistêmicos e outros bens não comerciais representam de 47% a

Fig 2: Perda ou estrago de alimentos por região e etapa na cadeia de valor, 2009 (percentual de kcal)



89% do "PIB das camadas de baixa renda" em grandes segmentos das populações da Índia, da Indonésia e do Brasil.<sup>9</sup>

**Climas Extremos Destroem Empregos em Países Desenvolvidos e em Desenvolvimento:** embora o aumento na frequência de eventos climáticos extremos seja bastante reconhecido como parte do desdobramento da tragédia humana da mudança climática, há pouca percepção pública sobre seus vastos custos sociais em relação a empregos perdidos. O Furacão Katrina (2005) resultou na perda de 40.000 empregos nos Estados Unidos. Além de milhares de mortes, o Ciclone Sidr (2007), em Bangladesh, também afetou milhares de pequenos negócios e causou a perda de mais de meio milhão de empregos.<sup>10</sup>

**Os mais vulneráveis sofrem os piores efeitos da Mudança Climática:** pessoas mais vulneráveis – famílias de baixa renda, povos indígenas, mulheres e meninas – suportam uma parcela desproporcional dos custos dos danos ambientais e ecológicos. As responsabilidades tradicionalmente femininas nos países em desenvolvimento, como a agricultura, a coleta de água e combustível e o papel de cuidadoras, estão intimamente ligadas aos recursos naturais disponíveis e ao clima, o que as torna ainda mais vulneráveis a severidades ambientais.<sup>11</sup>

**Uma litania de problemas está ligada à subvenção dos combustíveis fósseis:** a subvenção dos combustíveis fósseis exerce impacto negativo no meio ambiente e na saúde das pessoas, absorve volumosos recursos fiscais, falha frequentemente em beneficiar os grupos-alvo, e estimula o desperdício de energia. Ela representa

custos enormes para a sociedade (incluindo externalidades) calculados em mais de US\$ 2 trilhões por ano segundo o FMI<sup>12</sup>.

**Comida – muito pouco e demais:** A comida produzida hoje corresponde aproximadamente a 2.800 calorias diárias por pessoa, ou quase um terço a mais do que a quantidade necessária para alimentar a população mundial<sup>13</sup>. Porém, grande parte dela é desperdiçada. Portanto, talvez o fracasso mais humilhante da sociedade moderna e do seu modelo econômico dominante seja que cerca de 805 milhões de pessoas no mundo ainda estão cronicamente desnutridas, sendo a grande maioria (98%) em países em desenvolvimento.<sup>14</sup> Por outro lado, quase dois bilhões de adultos no mundo são considerados com sobrepeso, 600 milhões dos quais são obesos<sup>15</sup>.

**Agricultura Familiar, Segurança Alimentar, Pobreza e Empregos:** as Pequenas Propriedades Rurais (ex. menos de dois hectares) representam mais de 475 milhões dos 570 milhões de fazendas do mundo<sup>16</sup> e, em boa parte dos países em desenvolvimento, produzem mais de 80% da comida consumida<sup>17</sup>. A agricultura familiar é de longe o maior segmento de empregos no setor agrícola: estimados em um bilhão. Melhorar o rendimento de forma sustentável e aumentar a renda na mão desses pequenos produtores sem desestabilizar esta forma de agricultura enquanto fonte maior de empregos é, ao mesmo tempo, um desafio da segurança alimentar, um desafio ambiental e o principal desafio da empregabilidade humana.

**Sistemas de 'Alimentos Agroecológicos' e suas externalidades:** 80% das novas terras cultiváveis estão substituindo florestas tropicais<sup>18</sup>, um padrão que está resultando na perda de biodiversidade e na perda ou degradação dos ecossistemas, inclusive daqueles que prestam suporte essencial à agricultura. O ambiente econômico no qual os produtores e formuladores de políticas da agricultura operam é distorcido por externalidades significativas. A maioria dos grandes impactos de vários sistemas agrícolas e de produção de comida na saúde de ecossistemas, nas terras agrícolas, na água, nos mares e nos seres humanos são *economicamente invisíveis*, portanto não recebem a atenção que merecem de governos ou empresas. Essa é uma das

principais causas da fragilidade e da baixa resiliência tanto nos sistemas humanos quanto nos ecológicos.

**Riscos ecológicos são inter-relacionados e globais-locais:** as emissões antropogênicas de GEE estão causando não só *mudanças climáticas*<sup>19</sup>, mas também a descoloração de corais e acidificação oceânica, colocando em risco a biodiversidade dos recifes assim como a comida, a nutrição e a subsistência de cerca de 500 milhões de moradores das costas e ilhas<sup>20</sup> que dependem da pesca e do turismo nos corais. O desaparecimento das florestas tropicais, que integra os limites ecológicos das mudanças do uso da terra (outro sério risco ecológico), pode ser resultado de mudanças climáticas, e precisa ser melhor avaliado como um sério ameaça aos ciclos das chuvas e, portanto, à produtividade agrícola.

## DESAFIOS DE MUDANÇA

Em seu prefácio para "Nosso Futuro Comum", Gro Brundtland escreveu<sup>21</sup> que a demanda da Assembléia Geral da ONU por uma "Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento" era "uma demonstração clara do sentimento difundido de frustração e inadequação na comunidade internacional sobre a nossa própria habilidade de tratar os assuntos globais vitais e lidar com eles de forma efetiva."

Quase três décadas depois, esse senso de frustração apontado pela Dr. Brundtland não diminuiu. O desafio da mudança é profundo e multidimensional. Ele inclui tratar as causas das desigualdades, a escassez ecológica, os riscos ambientais, a redução de empregos, a má orientação de financiamentos, as governanças fracas e as agências corporativas antiquadas – cada um desses aspectos representa uma coleção de enormes desafios, todos reconhecidos pela Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável como obstáculos significativos para o bem-estar das pessoas, para a saúde do planeta, a prosperidade, a paz e a parceria global.

Os desafios abaixo são acentuados pela urgência da transição que é necessária para uma Economia Verde e Inclusiva e, em muitos casos, são baseados no ritmo em que estamos caminhando para obstáculos de limites



"As pessoas mais vulneráveis suportam uma parcela desproporcional dos custos dos danos ambientais e ecológicos."

Fig 3: Todos no ônibus?



Fonte: Oxfam International.  
<https://www.oxfam.org/en/campaigns/even-it/take-action-fight-inequality-and-make-tax-fair>

ecológicos<sup>22</sup>. Tensões político-sociais são igualmente preocupantes, ainda mais na frequente ebulição com a expansão da violência e da destruição, incendiadas por uma população inquieta, insatisfeita e amplamente usuária da internet.

### Desigualdades

As desigualdades continuam inaceitavelmente elevadas em todas as dimensões da vida humana, e a pobreza resultante pode agravar ainda mais a degradação ambiental. Em relação a concentração de riqueza, o 1% mais rico da população do mundo agora controla perto de 50% dos ativos globais, enquanto a metade mais desprovida tem apenas 1%.<sup>23</sup> Enquanto isso, o modelo econômico dominante com "mercados livres" como arena central tem ganho território. É verdade que os mercados servem bem a muitos propósitos – como a determinação de preço e a alocação eficiente de recursos – mas também é verdade que os mercados geralmente não são desenhados para resolver problemas sociais, em particular, o problema dos resultados desiguais. Isso leva à arena das políticas como fonte de soluções.

### Escassez Ecológica & Riscos Ambientais

Os crescentes obstáculos ambientais globais e locais são compostos por uma combinação de crises econômicas, desastres naturais e conflito social. Água doce, terra fértil, e ar puro – a base da riqueza natural e do bem-estar humano – são cada vez mais escassos.

Além disso, as mudanças climáticas globais podem se revelar a maior crise que a humanidade já enfrentou, exigindo que nós repensemos como geramos prosperidade, investimos lucros, e criamos as condições para uma vida de dignidade para todos em um mundo finito.

### Redução de Empregos

A Globalização trouxe imenso progresso e avanços, porém, também levou à perda de empregos em muitos setores e regiões geográficas e à crescente vulnerabilidade dos postos de trabalho no mundo todo. Globalmente, 22 milhões de empregos na manufatura foram perdidos entre 1995 e 2002, embora os resultados da indústria tenham aumentado em 30%.<sup>24</sup> O desafio do emprego é, portanto, a combinação da necessidade de "mais empregos", "melhores empregos" e "inclusão social".<sup>25</sup>

### Má Orientação de Finanças

Os horizontes dos investimentos, tanto em termos de maturidade de débitos, escopo da análise de riscos ou foco dos mercados de ações, estão mais curtos que o tempo de vida dos ativos e dos impactos que eles geram.<sup>26</sup> Donos de ativos financeiros, incluindo investidores institucionais que representam centenas de milhões de pensionistas e detentores de apólices de seguros, estão se beneficiando desse estoque de ativos físicos, tornando seus proprietários dependentes da extensão da vida econômica e da lucratividade deles.

Fig 4: Finanças Sustentáveis: uma visão sistêmica.



Fonte: Estudo do PNUMA

Esses proprietários, e outros agentes fincados na economia de combustível fóssil, portanto, podem e aplicam sua considerável influência política para desacelerar políticas e outras medidas que possam diminuir os valores de seus ativos. Embora os ativos de carbono tenham diminuído de valor nos últimos anos, o investimento anual na exploração de combustível fóssil continua três vezes maior que os investimentos em energias renováveis.

As finanças públicas podem ser um fator importante e guiar fluxos financeiros privados, porém, infelizmente, são hoje em grande parte direcionadas a uma "economia marrom". Subsídios para combustíveis fósseis (mencionados acima) são exemplos notórios de finanças públicas mal direcionadas, mas financiamentos para a atual "economia marrom" são tão grandes quanto pagajosos, e continuam a ser a maioria da "Formação Bruta de Capital" global, representando estimados 20% do PIB do mundo todo, anualmente.

### Contrato Social Corporativo Antiquado

Sob um olhar mais abrangente revela-se um cenário de incentivos desalinhados e instituições antiquadas guiando os investimentos e a atividade econômica. Por exemplo, respondendo por 60% do PIB e fornecendo 70% dos empregos, a corporação de hoje é uma instituição de fato influente, que usa marketing, publicidade e vantagens financeiras para aumentar produção e lucros.<sup>27</sup> Enquanto contribuem para mais qualidade de vida para muitos, se deixadas sem regulamentação, as corporações são arbitrarias por excelência: de recursos naturais (extraíndo-os de onde quer que sejam mais baratos e mais fáceis de acessar); de trabalho (quanto menos regulado e mais barato, melhor); de capacidade de manufatura (em especial capacidade subsidiada em países que buscam e acobertam a industrialização); e de mercados consumidores (aqueles com alta concentração de consumidores ricos que desejam pagar preços altos por produtos e serviços de marca).

Reconhecendo o setor privado como o motor de inovação, empregos e crescimento econômico, a maioria dos governos forneceu às corporações considerável suporte através de licenças, concessões, incentivos financeiros e fiscais, subsídios e tarifas comerciais favoráveis. Estes fatores contribuíram para o sucesso das corporações que, por sua vez, agregaram valor e contribuíram para o progresso e desenvolvimento

econômico. Porém, as corporações também geraram externalidades negativas significativas em termos de pegadas ambientais e sociais. Por exemplo, o custo à sociedade das atividades padrão (na forma de emissões de GEE, poluição, escassez de água doce e conversão de áreas naturais) das três mil maiores corporações foi estimado em \$2.1 trilhões<sup>28</sup> ou 3,5% do PIB mundial. O contrato social da sociedade moderna com o setor privado, que aceita essas perdas públicas na busca por lucros privados, vem sendo cada vez mais questionado.

### Em resumo...

O atual modelo econômico predominante gera vastos e sérios riscos ambientais e à saúde; incentiva uma cultura de consumo e produção marcada pelo desperdício; leva a escassez ambiental e de recursos; e gera resultados que criam uma sociedade injusta. A resolução destes problemas demanda um sistema econômico que dialogue com as necessidades do ambiente, a justiça social e a inclusão.

Tais questões exigem um papel mais amplo, transformativo e proativo das políticas públicas e dos governos para guiar e possibilitar resultados mais sustentáveis. O desafio latente é redesenhar a economia: não um novo desenho incremental ou fragmentado, mas um que seja holístico e abrangente, transformacional, e que nos mova na direção de uma economia verde e inclusiva que possibilita o bem-estar humano.

São diversos os desafios a serem enfrentados para uma economia verde e inclusiva: a pressão do tempo para realizar estas transições, o conhecimento necessário, habilidades e tecnologia, e a disponibilidade de informação, finanças e capacidade de pôr em andamento as mudanças necessárias. As implicações sociais das transições podem ser consideráveis e de difícil gestão, principalmente se envolverem um rompimento com os padrões existentes de empregos. Nas economias baseadas no carbono, surgirão dúvidas em torno de ativos retidos<sup>29</sup>, receitas perdidas e até mesmo retenção de habilidades, enquanto a economia diminui sua dependência de combustíveis fósseis. No entanto, esses mesmos desafios definem o trabalho que têm, diante de si, políticos, líderes de negócios e a sociedade civil, em um mundo cada vez mais perturbado por preocupações com a sustentabilidade ambiental.



## Descobrimos Caminhos Para Uma Economia Verde e Inclusiva

### PRINCÍPIOS

Uma Economia Verde e Inclusiva é baseada em compartilhamento, circularidade, colaboração, solidariedade, resiliência, oportunidade e interdependência. Os princípios para o desenho de uma “Economia Verde e Inclusiva” lidam com esses elementos de transição socioambiental e econômica e exigem reformas de políticas fiscais e econômicas, mudanças legislativas e de financiamento, novas tecnologias, e instituições fortes especificamente equipadas para salvaguardar pisos sociais e ambientais. Eles incluem:

- ▶ **Centralização de Empregos e da Economia:** Buscar, na economia como um todo, a transformação intersetorial ao abordar todos os pilares de sustentabilidade, portanto “promovendo crescimento econômico inclusivo, continuado e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos” ;
- ▶ **Foco na Riqueza Pública:** Desenvolver, manter e investir em riqueza pública – por exemplo, infraestrutura física e ambiental, constituições, leis (como direitos de propriedade e legislação ambiental), e padrões de governança corporativa.
- ▶ **Investimento em Infraestrutura Ambiental:** Dentre os bens públicos, reconhecer o papel central de ecossistemas saudáveis em assegurar bem-estar e oportunidades econômicas a longo prazo, e resultados sociais aprimorados. Reconhecer, medir e reagir à importância econômica dos serviços ecossistêmicos.

Muitas abordagens para o desenvolvimento sustentável e para o bem-estar surgiram no último quarto de século, refletindo os diferentes contextos e prioridades nacionais, as preocupações setoriais e as estratégias transnacionais<sup>30</sup>. Em 2008, o PNUMA propôs e

ancorou a ‘Iniciativa Economia Verde’ (IEV) das Nações Unidas em resposta a esta evolução e à atual crise financeira, reconhecendo que, sem uma transformação econômica profunda, as metas do desenvolvimento sustentável permaneceriam inatingíveis.

Alguns anos depois, em 2012, o documento resultante da ‘Rio+20’, “O Futuro que Queremos”, reconheceu a “economia verde”<sup>31</sup> como uma ferramenta importante para atingir o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. Desde então, um grande e crescente número de países tem seguido ativamente o caminho para uma economia verde, trabalhando com agências das Nações Unidas e outros parceiros como a Parceria para Ação sobre a Economia Verde (PAGE, em inglês), a Iniciativa Pobreza-Meio Ambiente (IPMA), a Plataforma de Conhecimento Crescimento Verde (GGKP, em inglês) e o Instituto Global de Crescimento Verde (GGGI, em inglês), entre outros.

Hoje, 65 países embarcaram na economia verde e em estratégias a ela relacionadas, com 48 deles desenvolvendo planos nacionais para a economia verde como peça central dessas estratégias.<sup>32</sup> Apesar do engajamento crescente em iniciativas verdes, grandes desafios ainda resistem, como discutido previamente, e abordagens cada vez mais transformativas são necessárias.

“Incentivar e investir em uma economia verde e inclusiva baseada em inovação que vai produzir com menos, remanufaturar mais, reutilizar, reciclar e restaurar, e caminhar em direção a uma verdadeira ‘economia circular’”

micos como uma grande fração do “PIB dos pobres” em contextos rurais no mundo em desenvolvimento.

- ▶ **Implementação do Princípio Preventivo:** Reconhecer os riscos de hoje como os custos do bem-estar de amanhã, tomar ações legislativas de proteção ou precaução mesmo na ausência de prova científica absoluta de maiores riscos ambientais e à saúde advindos de atividade econômica.
- ▶ **Inovação para Sustentabilidade:** Reconhecer oportunidades econômicas, sociais e ambientais em todas as formas de inovação – social, institucional, financeira e tecnológica. Incentivar e investir em uma economia verde e inclusiva baseada em inovação que vai produzir com menos, remanufaturar mais, reutilizar, reciclar e restaurar; e caminhar em direção a uma verdadeira “economia circular”, uma economia de permanência.
- ▶ **Conservação dos Recursos Naturais:** Promover eficiência de recursos, manejo sustentável de recursos naturais, e consumo e produção sustentáveis considerando a preocupação com a segurança de recursos.
- ▶ **Desenvolvimento de Recursos Humanos:** Investir em capacidades humanas para permitir que pessoas determinem resultados e vivam suas vidas dignamente. A falta de capacidades desalinha a economia, o meio ambiente e a sociedade, levando ao desenvolvimento não-sustentável.
- ▶ **Construção de Instituições:** Investir em legislação efetiva e instituições fortes para governança em níveis local, regional e nacional, garantindo a transferência de conhecimento e de finanças entre esses níveis; garantir adesão à reforma verde provendo participações físcas claras e definidas nos diferentes níveis de governo; encorajar a colaboração entre ministérios.
- ▶ **Longo Prazo versus Curto Prazo:** Ampliar o foco das reformas das políticas, dos incentivos, dos subsídios e das regulamentações de

mercado de uma estabilidade a curto prazo para resiliência a longo prazo a fim de abordar os verdadeiros horizontes da maioria dos desafios da sustentabilidade e alinhar mercados financeiros e economia real para servir os interesses da humanidade a longo prazo.

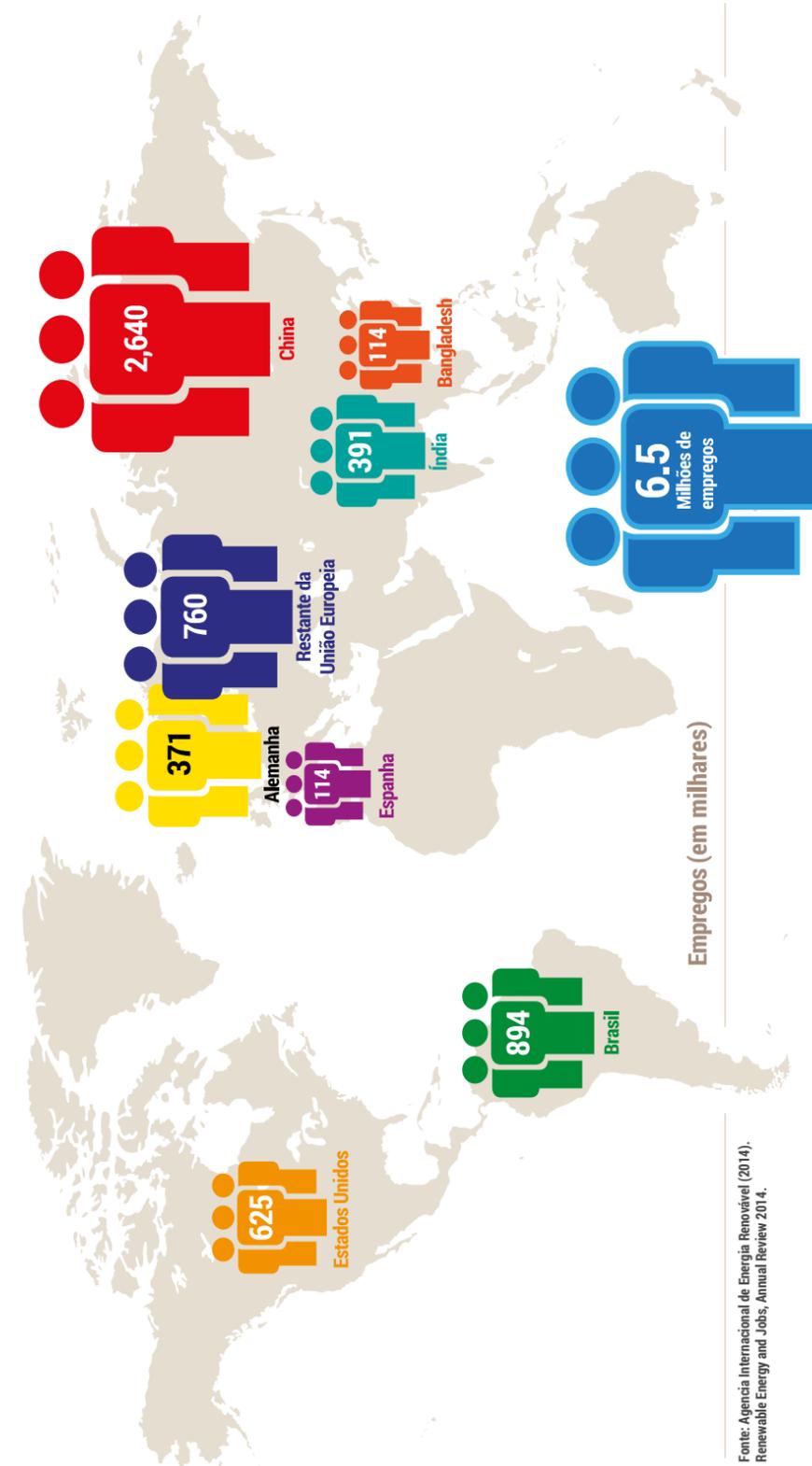
- ▶ **Reformas das “Micropolíticas”:** As escolhas do setor privado hoje determinam em grande parte o uso de recursos e a direção da economia, mas os regulamentos exercem influência e os incentivos motivam as empresas em suas escolhas. Identificar e implementar reformas efetivas de “micropolíticas” em áreas fundamentais (como impostos corporativos, relatórios financeiros, padrões de publicidade, limites de alavancagem financeira, etc.) para que o setor privado possa ser lucrativo enquanto gera ganhos, e não perdas, à riqueza pública.

### O PAPEL CENTRAL DOS EMPREGOS

Do trabalho provém não somente a renda que precisamos para o dia-a-dia, mas um significado para nossas vidas, a inclusão social e o amor-próprio. Portanto, não é surpresa que as maiores preocupações em qualquer economia giram em torno dos riscos, muitos reais, de perda de empregos e como superá-los. Enquanto planos de segurança social e auxílios de renda podem e, de fato, ajudam, as únicas soluções duradouras são novos empregos, os chamados “empregos verdes e decentes” que serão gerados pelo novo modelo econômico. A boa notícia é que novas oportunidades de trabalho numa economia verde e inclusiva são significativas, mas precisam ser identificadas cedo, e a educação e o treinamento adequados necessários para preenchê-las deve ser uma das primeiras prioridades de qualquer país iniciando tal transição.

Energia renovável e manejo de resíduos são dois bons exemplos disso. Trazer eletricidade para populações carentes através de mini-redes de sistemas de energias renováveis é uma das contribuições mais palpáveis que uma economia verde e inclusiva

Fig 5: O setor de energia renovável criou 6.5 milhões de empregos em 2013



Fonte: Agência Internacional de Energia Renovável (2014). Renewable Energy and Jobs, Annual Review 2014.

pode fazer para comunidades vulneráveis, regiões remotas e estados insulares, estimulando, simultaneamente, a criação de empregos e empreendedorismo social. E no Brasil, na China e nos Estados Unidos, o setor de resíduos emprega 12 milhões de pessoas, sendo a maior parte em situação de pobreza extrema.<sup>33</sup>

A formalização desse setor por medidas de políticas sociais e investimentos em tecnologia verde garantirão condições de trabalho mais seguras e criarão oportunidades de desenvolvimento de novas habilidades e diversificação de opções de empregos no futuro. Ao mesmo tempo, a reciclagem minimiza a necessidade de extrair matéria-prima e proporciona uma considerável economia de energia

Sobretudo, a abrangência da criação de “empregos verdes e decentes” de um país pode ser entendida como um indicador de competitividade: quanto maior é, mais preparado o país se torna para a competição no futuro previsível em que as economias

são planejadas para produzir bens e renda sem criar riscos ambientais nem escassez ecológica.

### ADOTANDO UMA ECONOMIA CIRCULAR E COMPARTILHADA

Mudar para padrões de produção e consumo sustentáveis (PCS) é essencial no equilíbrio da atividade humana com o funcionamento a longo prazo dos ecossistemas. Ao embutir sistemas de PCS nas governanças nacionais e políticas setoriais, repensando o consumismo desenfreado, e equilibrando super e sub consumo, permite-se que a população carente tenha acesso ao abastecimento fundamental de recursos limitados, enquanto mantém uma harmonia com o sistema vital da Terra.

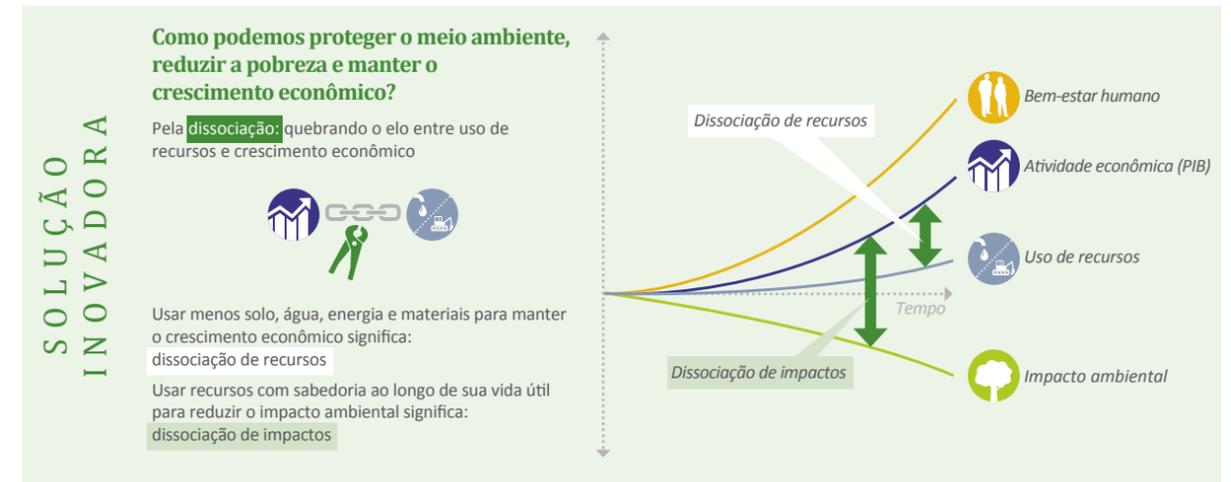
Uma série de inovações e empreendedorismo pode ser iniciada ao se adotar princípios de “economia circular”, uma economia regenerativa e planejada *ab initio* para eliminar resíduos e devolver nutrientes e água para os ecossistemas. Ela aban-



“Uma variedade de inovação e empreendedorismo pode ser iniciado ao aplicar princípios de uma ‘economia circular’, regenerativa, e planejada ab initio para eliminar lixo e devolver nutrientes e água para ecossistemas.”

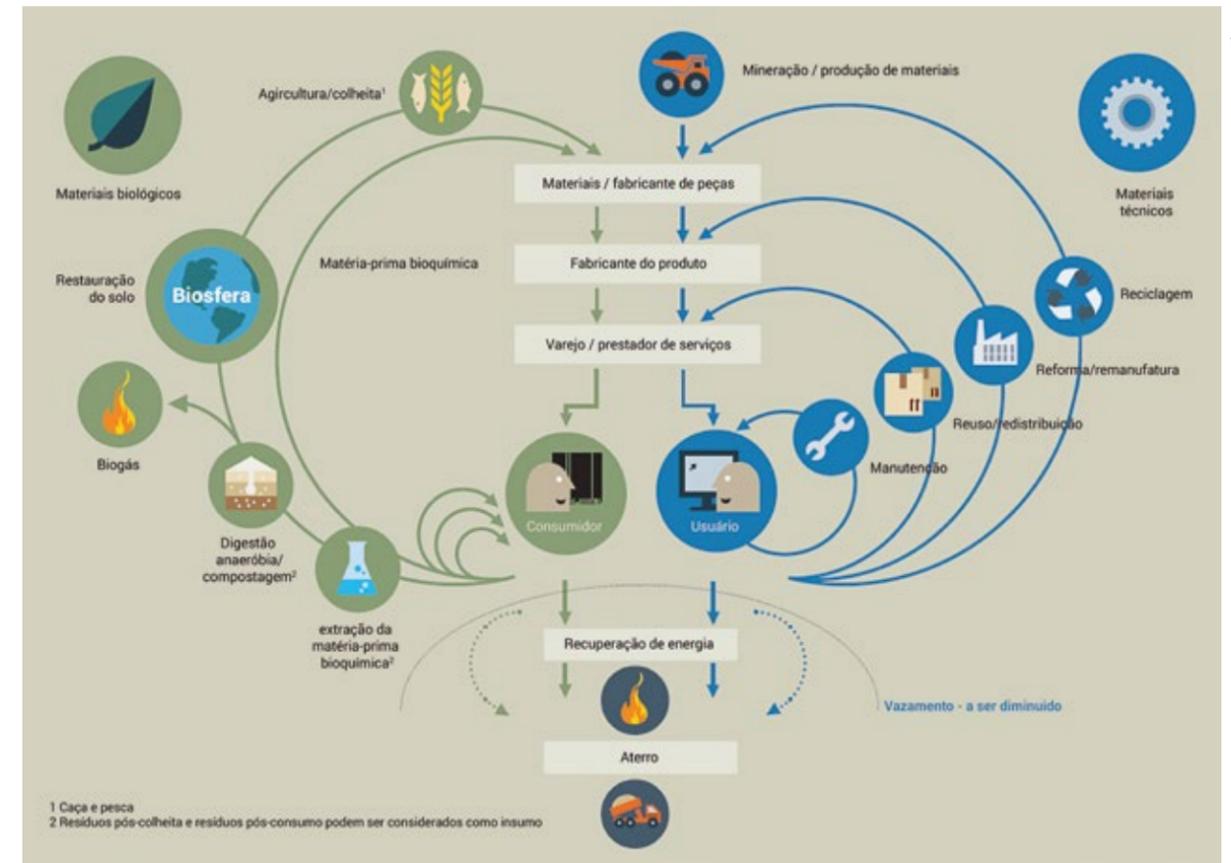
© ROBERTO AGUIAR/ISTOCK.COM

Fig 6: Dissociar o uso de recursos do crescimento econômico exige soluções inovadoras.



Fonte: Secretaria do Painel Internacional de Recursos

Fig 7: Visualizando uma economia circular e verde.



Fonte: Ellen MacArthur Foundation (2013). Towards the Circular Economy: Opportunities for the consumer goods sector.

dona radicalmente nosso modelo linear dominante de “extrair, fabricar, gerar resíduos” de produção e consumo. É baseada no conceito de sistemas como um todo e inspirada no mundo natural onde o “resíduo” de uma espécie se torna “alimento” de outra, e assim por diante, em uma autossuficiência sistêmica cíclica.

Originado dos primeiros trabalhos de Walter Stahel<sup>34</sup> e outros, o conceito de “economia circular” toma como princípio a busca por mais empregos, e a ideia de que negócios devem vender utilização e não bens, permitindo assim mais controle e o monitoramento do descarte ao fim do ciclo de vida em substituição ao deslocamento de materiais bióticos e abióticos.

Diversos movimentos, iniciativas e projetos surgiram espontaneamente para desenvolver meios de vida mais sustentáveis. Seu potencial de atingir eficiência de recursos, reduzir impactos ambientais, gerar empregos e melhorar o bem-estar é cada vez mais reconhecido. Novas tecnologias de comunicação e informação, como aplicativos móveis e sistemas de informação geográfica, assim como as crescentes comunidades virtuais estão dentre os avanços tecnológicos que apoiam e permitem o surgimento e o desenvolvimento de práticas de compartilhamento. A economia “compartilhada”, ou a mudança para um uso mais comunitário de recursos, refere-se ao amplo espectro de sistemas produto-serviço, de práticas de partilha e troca que dissociam a posse de um bem do seu uso, enquanto reinserem interações sociais e confiança em uma comunidade de pessoas com interesses similares. Exemplos incluem estadia, transporte, partilha de rede Wi-Fi doméstica ou ferramentas, trocas de roupa, bicicletas, sistemas de caronas etc.<sup>35</sup> Modelos e práticas de partilha normalmente exigem menos recursos, já que menos produtos são produzidos para providenciar o mesmo serviço para mais pessoas. Eles também abrem as portas para um novo sentido de bem-estar e conforto, pois manutenção, serviços e descarte de produtos tendem a não ser responsabilidade do usuário individual.

Práticas de partilha existem há muito tempo entre comunidades, vizinhos, famílias, amigos; em alguns

casos, são diretamente inspiradas por práticas sociais tradicionais. Tais práticas foram globalizadas e transformadas em modelos de negócio lucrativos que contribuem na formação de uma economia nova, mais sustentável e orientada ao bem-estar. Entretanto, esses modelos emergentes existem, em geral, de maneira local, e raramente são ampliados ou transferidos para outro contexto. Isso se deve muitas vezes ao fato de que esses modelos inovadores não têm os níveis adequados de regulamentação, investimentos e incentivos econômicos que lhes permitiriam crescer e expandir.<sup>36</sup>

### VALOR AMBIENTAL, PRINCÍPIO PREVENTIVO E CAPITAL NATURAL CRÍTICO

Refletir sobre a importância da natureza e do meio ambiente para o bem-estar humano ajudará a equilibrar e recuperar seu devido lugar no desenvolvimento sustentável. Existem muitas visões de mundo sobre a inter-relação homem-natureza e conceitos que emergem de tais visões, mas que possuem ressonância universal. Nas culturas andinas, o conceito de ‘*Sumak Kawsay*’ ou “viver bem” enxerga o indivíduo dentro de suas comunidades sociais e culturais e em relação ao seu ambiente natural, almejando o desenvolvimento coletivo e harmônico (ver figura 7). Além disso, a perspectiva de “Direitos da Natureza”<sup>37</sup> – divulgada por ecologistas como Aldo Leopold – reflete a visão de que a natureza tem um valor intrínseco, independente de sua relevância humana e instrumental, que precisa ser reconhecido.<sup>38</sup> A visão chinesa de uma “civilização ecológica” é outro exemplo de tutela. O conceito de Gandhi de “tutela” apela à ideia de que somos curadores dos dotes da terra e, portanto, devemos nos ver não como “donos”, mas “curadores”, que os manejam hoje para todos os povos e gerações futuras.

Através da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, os Países Membros da ONU reafirmaram que “o planeta Terra e seus ecossistemas são nossa casa compartilhada e que ‘Mãe Natureza’ é uma expressão comum em diversos países e regiões.”

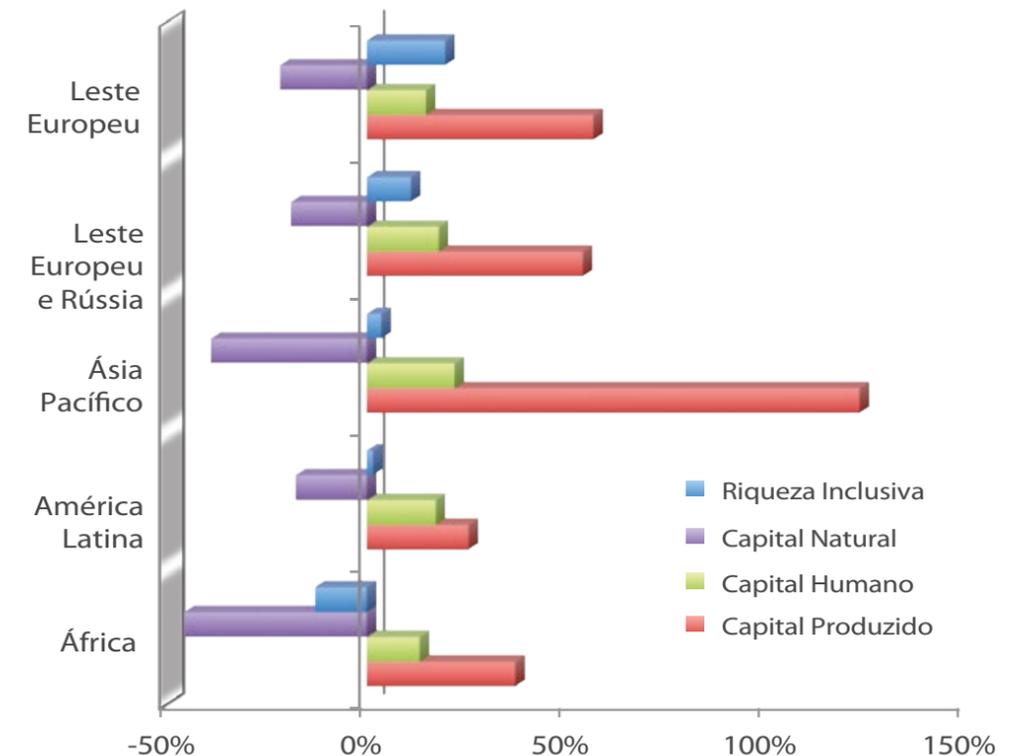
**Fig 8: Múltiplas abordagens da sustentabilidade ambiental – o conceito boliviano de Bem-Estar e Harmonia e equilíbrio com a Mãe Terra.**



Fonte: UNEP (2015). Multiple Pathways to Sustainable Development: initial findings from the global south, p. 33

**Fig 9: Aumento da riqueza**

Percentual de mudança na riqueza 1990 - 2010 (per capita)



Fonte: Índice de Riqueza Inclusiva

Falhar em reconhecer restrições ambientais graves é falhar em compreender as necessidades e direitos das gerações futuras —ou, em alguns casos, das gerações atuais. Quando o chão ou o teto é atingido, as regras do jogo mudam, e a simples sobrevivência pode ser um desafio, independentemente do estoque de compensação de capital financeiro ou humano. A compreensão do que constitui o ‘capital natural crítico’ está mudando rapidamente na medida em que nos aproximamos dos limites ambientais e das restrições limitantes resultantes de impactos acumulativos.<sup>39</sup> A camada de ozônio tem sido citada como exemplo de capital natural crítico – não há

um substituto baseado na tecnologia e sua funcionalidade é crítica para o bem-estar humano.

Uma contabilidade abrangente dos bens naturais e da sua degradação é, portanto, um ponto fundamental para a internalização da “invisibilidade da natureza” na performance econômica em geral. Valorizar serviços de ecossistemas que tanto proveem bens quanto regulam processos do ecossistema que beneficiam as pessoas como clima e água, servem como auxílio importante na tomada de decisões envolvendo a priorização da sustentabilidade dos ecossistemas.

O propósito de valorar os serviços dos ecossistema não é privatizá-los ou transformá-los em *commodities* para o mercado. Ao invés disso, a valoração pode ser uma ferramenta de manejo crucial para compreender e agir para conservar os ecossistemas e reduzir a pressão desenvolvimentista sobre eles. Sobretudo, a representação do capital natural e da degradação na performance econômica de uma nação permite uma melhor compreensão da direção e da sustentabilidade do bem-estar do seu povo a no longo prazo.



“Em direção à economia circular: Recuperar, reciclar, reusar e remanufaturar.”

### ESCOLHAS POLÍTICAS FUNDAMENTAIS PARA MUDANÇAS TRANSFORMADORAS

O escopo das soluções políticas para uma economia verde e inclusiva é amplo e precisa ser cultivado e considerado para se tornar efetivo como modelo de transição econômica. Algumas escolhas fundamentais estão listadas abaixo no sentido de investir na sustentabilidade ambiental, promover sistemas de PCS e buscar resultados inclusivos.

#### INVESTIMENTOS PARA A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

- ▶ **Apoiar ações no sentido de obter um melhor alinhamento de regras que governam os mercados financeiros** com desenvolvimento sustentável de longo prazo.<sup>40</sup>
- ▶ **Relocar capital para investimentos verdes**, o esverdeamento da manufatura e outros setores econômicos para construir comunidades e nações mais sustentáveis e resilientes ao clima.
- ▶ **Construir consenso social e político** para transições em economias baseadas em carbono;
- ▶ **Investir em capacitação** para maior competitividade, inovação e posicionamento numa economia verde globalizada.
- ▶ **Adotar práticas industriais ambientalmente corretas** para melhorar a segurança de recursos, reduzir a pressão ambiental, promover a competitividade e aumentar a receita.
- ▶ **Criar novas oportunidades de negócios sustentáveis e empregos verdes e decentes** através de investimentos em energia renovável, infraestrutura verde, como edifícios sustentáveis, transporte público efetivo e eficiente, agricultura sustentável e manejo sustentável dos recursos naturais.
- ▶ **Investir em: (a) ciência, pesquisa e desenvolvimento, bigdata** para abordar desafios ambientais; (b) Tecnologias da informação e comunicação (ICT em inglês) para informar, compartilhar, ampliar e entregar; (c) construir



“Adotar a avaliação de capital natural nas contas nacionais.”

idades *inteligentes* resilientes usando ICT para maximizar a integração de energia renovável em edifícios, transportes e redes locais.

- ▶ **Investir na restauração dos ecossistemas** e na reconstrução do capital natural.

#### PROMOVENDO SISTEMAS DE PRODUÇÃO E CONSUMO SUSTENTÁVEIS

**Caminhar em direção a uma economia circular:** recuperar, reciclar, reusar e remanufaturar.

- ▶ **Integrar eficiência de recursos** à economia focando em sistemas e práticas – provisão de alimentos e energia, mobilidade, moradia, etc.
- ▶ **Promover a redução de resíduos.** Quando houver produção de resíduos, entendê-la como recurso, investimento e oportunidade de emprego.
- ▶ **Investir em eco-inovação** e práticas de manufatura mais limpas.
- ▶ **Internalizar externalidades ambientais e sociais**, para sinalizar o mercado corretamente.

Apoiar a valorização do capital natural em tomadas de decisões econômicas e como ferramenta administrativa, reagindo contrariamente a persistência de externalidades negativas em detrimento da riqueza pública.

- ▶ **Adotar a avaliação do capital natural nas contas nacionais** e índices de desenvolvimento, pois permitem ao país desenvolver uma noção de sua “verdadeira riqueza” e quantificar o capital natural degradado ou gasto em processos econômicos, pois isso provê a medida de “renda verdadeira”.
- ▶ **Adotar políticas que combinem** instrumentos regulatórios, comportamentais e econômicos adequados e que sejam baseados em informações para abordar desafios de produção e consumo sustentáveis em áreas de prioridade como o uso de água, de energia, de químicos e gestão de resíduos.
- ▶ **Revisar as estruturas normativas** para que incluam os incentivos e regulamentos neces-

sários que irão promover condições que permitam a adoção de estilos de vida sustentáveis e de baixo carbono.

- ▶ **Encorajar uma economia inclusiva** compartilhada para aumentar a eficiência e sustentabilidade do uso de recursos.
- ▶ **Investir em educação, interações sociais e centros**, para mudar mentalidades e práticas sociais e incorporar o conceito de sustentabilidade ambiental no dia-a-dia, a conscientização de estilos de vida sustentáveis, e facilitar a transformação na cultura de consumo.
- ▶ **Considerar os jovens como peça central** no objetivo de construir um novo discurso global e soluções para economias verdes inclusivas, por exemplo, como embaixadores, usuários de redes sociais, e futuros empresários e tomadores de decisões.
- ▶ **Realizar parcerias com ambas as mídias tradicionais e sociais** para construir elementos do discurso público.

- ▶ **Implementar políticas existentes** para abordar questões de saúde relacionadas a substâncias químicas ou danosas e poluição do ar em áreas externas e internas, enquanto aborda as lacunas de conhecimento, tecnologia e financiamento.
- ▶ **Desenvolver ferramentas de informação** para o consumidor, como rótulos e certificados, que estimulam mudanças de hábitos e o comércio verde.

#### ALMEJANDO RESULTADOS INCLUSIVOS

- ▶ **Proteger o meio ambiente** para a igualdade e o bem-estar intra e inter-geracional, e para os direitos da natureza.
- ▶ **Reconhecer que o bem-estar da natureza não pode ser deixado nas mãos das forças** de mercado, mas deve ser garantido por escolhas que fazemos enquanto sociedades, nações e economias.
- ▶ **Decretar reformas de política fiscal** que migram as cargas dos impostos de trabalho e



"Revisar as estruturas normativas para que incluam os incentivos e regulamentos necessários que irão promover condições que permitam a adoção de vidas sustentáveis e de pouco carbono"

© ROBERT HARDING.COM



"Investir em educação, interações sociais e centro, para mudar mentalidades e práticas sociais."

© ROBERT HARDING.COM

renda para as externalidades ambientais e sociais e rendimentos de recursos escassos, a fim de incentivar a eficiência de recursos e diminuir a desigualdade.

- ▶ **Eliminar os subsídios para combustíveis fósseis** com estratégias sociais para garantir que as populações de baixa renda não sejam afetadas negativamente, e para construir consenso político e compreensão sobre seus efeitos danosos.
- ▶ **Enfrentar as implicações sociais da transição** criando pisos sociais que garantem proteção básica à saúde e estabilidade de renda.
- ▶ **Prever os prejuízos** que podem acompanhar a transição de uma economia baseada em recursos não-renováveis para uma combinação mais diversa, incluindo os recursos renováveis, e minimizá-los através da requalificação, do treinamento intensificado, da promoção da empregabilidade em empregos renováveis, e redes de segurança sociais.
- ▶ **Apoiar a criação de mecanismos** e instituições para acesso igualitário e compartilhamento de benefícios do desenvolvimento de recursos naturais nos níveis local e nacional.
- ▶ **Introduzir uma cotação de carbono e reciclar os proventos** para apoiar mitigação e a adaptação climática.
- ▶ **Investir em fontes de crescimento de trabalho intensivo** como agricultura, horticultura, indústria criativa, e também nos "ativos produtivos da população de baixa renda".

3

DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA  
UM RESUMO PARA LÍDERES

DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA

3

DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA  
UM RESUMO PARA LÍDERES

DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA



"Colaboração e apoio são fatores essenciais para alcançarmos as mudanças que buscamos e assim replicarmos sucessos e ampliarmos a economia verde inclusiva."



## Colaboradores e Campeões

*Cidadãos, Comunidades, Negócios, Finanças, Governos*

Dada a complexidade das nossas numerosas 'correntes de desafio' e a enormidade do nosso 'desafio de mudança', é evidente que nada menos do que colaboração e cooperação global são necessárias entre todas as camadas de tomadores de decisões da sociedade: governos, comunidades, negócios e cidadãos. Intensos desafios sociais já foram enfrentados e superados na história da humanidade através de consenso e ações conjuntas, mas geralmente em tempos de guerra ou de calamidades naturais. Em menor escala, já fomos bem-sucedidos em resolver grandes problemas ambientais, regionalmente (ex. chuva ácida) e até globalmente (ex. diminuição da camada de ozônio).

O Protocolo de Montreal e as ações que o seguem para eliminar substâncias prejudiciais à camada de ozônio terão prevenido 2 milhões de casos de câncer de pele anualmente até 2030 ao contribuir para as metas internacionais de redução de emissão de gases de efeito estufa.<sup>41</sup> A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável representa uma oportunidade histórica para atingir transformação e cooperação globais sem precedentes. Mas como podemos multiplicar e aumentar essas experiências de sucesso?

### MULTIPLICANDO E AUMENTANDO SUCESSOS

Em muitas situações, ampliar inovações demanda não apenas avanço tecnológico, mas também financeiro, institucional e mudanças sociais. Existem vastas evidências do poder das instituições financeiras na con-

dução de mudanças em que as inovações tecnológicas são adotadas e expandidas como resultado de políticas inovadoras como, por exemplo, no fornecimento de energia renovável para as populações desprovidas.

Colaboração e competição são condutores fundamentais das mudanças que buscamos para multiplicar sucessos e expandir a economia verde e inclusiva. Não é amplamente conhecido o quão multinivelada essa colaboração precisa ser, nem o quão importante ela tem sido para o sucesso que buscamos. Abordagens integradas são necessárias para reunir todos os parceiros importantes – empresas, financiadores, técnicos, criadores de políticas pública e usuários de tecnologia – para enfrentar barreiras, em diversos níveis, que prejudicam a habilidade de atrair, acessar e absorver tecnologias ambientalmente sensatas.

O Protocolo de Montreal foi aclamado pelo sucesso ao transferir para países em desenvolvimento tecnologias inofensivas à camada de ozônio, mas grande parte do seu sucesso deve-se ao investimento de um fundo multilateral na criação de capacidade e ações nacionais e regionais para ajudar nas transições em diversos níveis.

Além disso, o poder do exemplo precisa ser muito mais utilizado do que tem sido até agora. Ao redor de países, comunidades, setores, e negócios, existem muitas histórias de sucesso de políticas, mecanismos econômicos, práticas, e modelos de negócios que demonstram maneiras alternativas de seguir em frente. Essas histórias precisam ser contadas e recontadas.



"Regionalmente e internacionalmente, reformar as instituições e o modelo de governança que regula o mercado financeiro, o comércio, o direito à propriedade e o manejo ambiental é urgentemente necessário para assegurar que a economia do futuro tenha a sustentabilidade 'instalada' no seu sistema-operacional."

### COLABORAÇÃO ENTRE NÍVEIS DE TOMADORES DE DECISÕES

Alcançar a transição para o desenvolvimento sustentável através de uma Economia Verde e Inclusiva é uma responsabilidade compartilhada entre governos, empresas, comunidades e cidadãos, pois todos esses tomadores de decisões podem, através de suas ações, exacerbar ou ajudar a resolver a nossa teia de problemas. Com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, os Estados Membros declararam estar "determinados a mobilizar os meios necessários para implementar essa Agenda através de uma Parceria Global para o Desenvolvimento Sustentável revitalizada, baseada em um espírito fortalecido de solidariedade global, focado nas necessidades particulares da população de baixa renda e das populações mais vulneráveis e com a participação de todos os países, todos os parceiros e todas as pessoas." Enumeramos algumas áreas e níveis importantes em que essa colaboração precisará focar.

Regionalmente e internacionalmente, reformar as instituições e o modelo de governança que regula o mercado financeiro, o comércio, o direito à propriedade e o manejo ambiental é urgentemente neces-

sário para assegurar que a economia do futuro tenha a sustentabilidade "instalada" em seu sistema operacional. Sobre o comércio, a OMC reconheceu a relação entre comércio e desenvolvimento sustentável, porém mais esforços são necessários para tornar as regras da OMC coerentes com acordos ambientais multilaterais (aspectos relacionados ao comércio-meio ambiente) a fim de preservar a biodiversidade, proteger a saúde humana e prevenir a poluição e o comércio ilegal de recursos naturais.

Além disso, normas internacionais e estruturas de governança na transferência de tecnologia serão a base crucial para uma economia sustentável. Instituições regionais e internacionais e estruturas de governança para proteção ambiental e empregos dignos também serão vitais para garantir a transição para uma EVI global e regionalmente.

A tarefa de replanejamento corporativo – transformando negócios para o mundo de amanhã<sup>42</sup> – inclui desafios como relatar externalidades; adotar a publicidade responsável; limitar a influência corporativa e reduzir o lobby indiscriminado. O dever de reconhecer, medir, avaliar e relatar externalidades para que os impactos das empresas e "Verdadeiro

Valor Econômico Agregado" (TRU-EVA, na sigla em inglês)<sup>43</sup> possa ser observado e desperte a reação dos gerentes de negócios, das autoridades reguladoras da indústria e da sociedade demandam colaboração, liderança e mecanismos de controle contábil nacional e internacionalmente. A promoção da publicidade responsável – mais para informar do que para persuadir o cliente - terá de ser conduzida tanto por campeões corporativos quanto por associações publicitárias e encorajada por associações de comércio e governos nacionais.

A posição privilegiada dos governos locais e a capacidade dos líderes do setor privado para alavancar comunidades e para solucionar problemas é muito importante para que uma economia verde e inclusiva possa se constituir e se expandir nos países em desenvolvimento. Habitação de baixo custo, energia limpa, água potável, saneamento, e outros serviços básicos podem ser fornecidos por pequenas e médias empresas (PMEs) de forma econômica, ambientalmente correta, com baixa emissão de carbono e com tecnologias de baixa manutenção. As PMEs são condutores importantes do crescimento em economias de baixa renda e somam 90% de todas as empresas na África subsaariana.<sup>44</sup>

No âmbito das finanças, colaboração e competição são essenciais para uma economia verde e in-

clusiva. Como apontado pela PNUMA em na iniciativa "Inquiry",<sup>45</sup> mudanças são necessárias tanto do lado da demanda de finanças – através de políticas de reforma para a tarifação, finanças públicas inteligentes e regulamentação ambiental para reduzir riscos: taxa de retorno para os investimentos verdes, e também *do lado da oferta* das finanças - lidar com falhas do mercado como visão de curto prazo, informação inadequada, incentivos desalinhados, gestão inadequada de risco e resistência a mudanças positivas. Para atingir essa meta será necessária a colaboração dos bancos centrais e das agências reguladoras de atividades bancárias, de seguros e de investimentos, da bolsa de valores e os setores de Investimentos Socialmente Responsáveis (ISR) e Governança Socioambiental (ESG) e setores de Investimentos impactantes, como pode ser visto no trabalho do PNUMA com instituições financeiras. Reconhecendo que a criação de um ambiente propício para finanças sustentáveis levará tempo e ciente da urgência da agenda de sustentabilidade, a Iniciativa Financeira do PNUMA busca promover uma reação direcionada ao mercado e baseada na resposta aos impactos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS - ver figura 9) dirigida por uma combinação de corporações, bancos e investidores. Além disso, há a necessidade de aumentar as inovações na área de seguros e fortalecer a capacidade de risco entre



"O empoderamento será conduzido a partir do reconhecimento e da proteção dos diferentes direitos e privilégios que fazem parte da sociedade democrática."

as nações.<sup>46</sup> Finalmente, financiar a transição para a sustentabilidade demandará novas habilidades e comportamentos entre os milhões de profissionais que trabalham no setor financeiro, assim como nas instituições de políticas financeiras e nas agências reguladoras. Isso significa novas iniciativas para criar culturas financeiras que incorporem o imperativo da sustentabilidade em seus valores institucionais, seus incentivos e suas competências fundamentais – essencialmente, construir um sistema financeiro adequado para a economia verde do Século XXI.

O engajamento da sociedade civil e dos consumidores através de instituições, plataformas abertas e estruturas de governança precisa ser garantido. O empoderamento será conduzido a partir do reconhecimento e da proteção dos diferentes direitos e privilégios que sustentam a sociedade democrática, incluindo: direitos de propriedade; direitos de negociação; direitos do trabalhador; participação pública, acesso à justiça e o cumprimento da lei. Para tanto, a divulgação de informações (incluindo planos de projetos e avaliações ambientais, o estado do meio ambiente, etc.), o governo eletrônico e as consultas públicas para as grandes tomadas de decisões ambientais são mecanismo essenciais de transparência e de governança colaborativa.



"A natureza não é meramente um luxo para os ricos, é uma necessidade para as populações de baixa renda e vital para o bem-estar de todos"

© ROBERT HARDING.COM

## CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS DE SUCESSO

É bom saber que, apesar da predominância insustentável do "business as usual" ao redor do mundo, existem inúmeras histórias de sucesso surgindo a partir de abordagens alternativas de desenvolvimento. Essas histórias precisam ser contadas e recontadas.

Conforme mencionado anteriormente,<sup>47</sup> a natureza não é meramente um luxo para os ricos, é uma necessidade para as populações de baixa renda e vital para o bem-estar de todos. Destruir reservas naturais, especialmente nas áreas rurais dos países em desenvolvimento, equivale a destruir grande parte do 'PIB dos pobres'. Além disso, não é verdade que todas as nações desenvolvidas são cemitérios ambientais, nem que nações sem recursos naturais não possam arcar com o desenvolvimento sustentável. O Japão, nação altamente desenvolvida com recursos naturais limitados, ostenta uma das maiores taxas de reciclagem do mundo. Singapura criou e sustentou uma economia de serviços que é bastante dissociada de consumo de recursos. Barbados, uma nação em desenvolvimento com recursos limitados, adotou uma estratégia de economia verde nacional antes da Rio+20 colocar a ideia no diálogo entre países.

Essas nações foram e são, à sua própria maneira e em seus próprios contextos, campeões de uma nova economia verde e inclusiva. Todos podemos aprender com esses países desenvolvidos e em desenvolvimento que têm recursos naturais limitados pois eles reconheceram logo cedo que a eficiência de recursos, a autonomia e a inovação conduzem à melhoria do bem-estar humano na falta de fronteiras intermináveis ou estoques ilimitados de recursos naturais. Esses esforços irão facilitar o caminho das nações para atingir os ODS e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Porém, o poder de histórias positivas e a inspiração dos campeões só podem ser sentidas se essas histórias forem contadas e recontadas ao redor do mundo. E, enquanto as mídias sociais emergentes podem oferecer um canal para esse tipo de comunicação, elas precisam ser reforçadas através de um esforço conjunto e colaborativo de governos, mídia e agências de publicidade, e bilhões de cidadãos conscientes e preocupados ao redor do mundo.



Fig 10: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Fonte: [www.globalgoals.org](http://www.globalgoals.org) (accessed September 21, 2015)



## Notas

- 1 Kenneth E. Boulding, (1966), "The Economics of the Coming Spaceship Earth", In H. Jarrett (ed.), Environmental Quality in a Growing Economy, Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, pp. 3-14
- 2 J.C. Kumarappa, (1945), "Economy of Permanence", Sarva Seva Sangh Prakashan, Rajghat
- 3 W. Stahel & G. Reday, (1981), "Jobs for Tomorrow, the potential for substituting manpower for energy" by Vantage Press, New York, N.Y.
- 4 Ernst von Weizsäcker; Amory B. Lovins; L.Hunter Lovins, (1998), "Factor Four: Doubling Wealth, Halving Resource Use", Earthscan
- 5 Ver WHO. (2008). Global Burden of Disease 2004 atualização disponível em [http://www.who.int/topics/global\\_burden\\_of\\_disease/en/](http://www.who.int/topics/global_burden_of_disease/en/); CBD and WHO 2015. Connecting Global priorities: Biodiversity e Human Health disponível em <https://www.cbd.int/health/SOK-biodiversity-en.pdf>; S Whitmee, A Haines, et al. (2015) Safeguarding Human Health in the Anthropocene Epoch: Report of The Rockefeller Foundation-Lancet Commission on Planetary Health disponível em [http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(15\)60901-1.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(15)60901-1.pdf);
- 6 S Ng et al, (2014), "Association between temperature, humidity and ebolavirus disease outbreaks in Africa, 1976 to 2014"; disponível em [www.eurosurveillance.org/images/dynamic/EE/V19N35/art20892.pdf](http://www.eurosurveillance.org/images/dynamic/EE/V19N35/art20892.pdf)
- 7 Tan et al, (2005), "An initial investigation of the association between the SARS outbreak and weather: with the view of the environmental temperature and its variation", J Epidemiol Community Health ;59:186-192, disponível em [www.jech.bmj.com/content/59/3/186.full](http://www.jech.bmj.com/content/59/3/186.full)
- 8 Si, Y., T. Wang, A. K. Skidmore, W. F. De Boer, L. Li, and H. H. T. Prins. (2010), "Environmental factors influencing the spread of the highly pathogenic avian influenza H5N1 virus in wild birds in Europe". Ecology and Society 15(3): 26. [www.ecologyandsociety.org/vol15/iss3/art26/](http://www.ecologyandsociety.org/vol15/iss3/art26/)
- 9 TEEB (2010), "The Economics of Ecosystems and Biodiversity: Mainstreaming the Economics of Nature: A Synthesis of the Approach, Conclusions and Recommendations of TEEB"
- 10 ILO, (2013), "Sustainable Development: Decent work and green jobs". Geneva
- 11 [www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/results/fast\\_facts/ff-gender-environment/](http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/results/fast_facts/ff-gender-environment/)
- 12 "Fossil Fuel Subsidies Costing Global Economy \$2 Trillion: IMF." Renew Economy. N.p., 28 Apr. 2014. Web. 20 Mar. 2015. [www.reneweconomy.com.au/2014/fossil-fuel-subsidies-costing-global-economy-2-trillion-imf-79534](http://www.reneweconomy.com.au/2014/fossil-fuel-subsidies-costing-global-economy-2-trillion-imf-79534)
- 13 FAO, (2014), "Food security indicators"
- 14 FAO, IFAD and WFP (2014), "The State of Food Insecurity in the World 2014 - Strengthening the enabling environment for food security and nutrition". Rome, FAO.
- 15 [www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/](http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/)
- 16 FAO (2014), State of Food and Agriculture
- 17 [www.ifad.org/media/press/2013/27.htm](http://www.ifad.org/media/press/2013/27.htm)
- 18 Foley, J.A. et al. (2011), "Solutions for a cultivated landscape," Nature, 478: 337-342.
- 19 Steffen et al, (2015), "Planetary Boundaries: Guiding Human Development on a Changing Planet", Science Vol. 347 no. 6223 DOI: 10.1126/science.1259855
- 20 Wilkinson, C.r. (ed.) (2004), "Status of the coral reefs of the world". Volumes 1 and 2. Australian institute for Marine Sciences, Townsville, Australia.
- 21 UN, (1987), "Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future"
- 22 Steffen et al (2015), "Planetary Boundaries: Guiding Human Development on a Changing Planet", Science Vol. 347 no. 6223 DOI: 10.1126/science.1259855
- 23 UNU-WIDER of the United Nations University (2006), "The World Distribution of Household Wealth". NB: De acordo com o Credit Suisse 2014, Relatório Global de Riqueza de 2014, a participação aumentou para quase 50%. Veja também o relatório Oxfam em [www.oxfamamerica.org/static/media/files/even-it-up-inequality-oxfam.pdf](http://www.oxfamamerica.org/static/media/files/even-it-up-inequality-oxfam.pdf)
- 24 McAfee, A. (2013), "Manufacturing Jobs and the Rise of the Machines". Harvard Business Review [online]. 29 de janeiro de 2013

- 25 ILO, (2013), Sustainable Development, Decent work and Green Jobs. Report V. Geneva
- 26 UNEP Inquiry: Design of a Sustainable Financial System. Report 3. (2015). p. 5
- 27 P Sukhdev (2012), "Corporation 2020", Island Press, Washington DC
- 28 Trucost, (2010), for UN-PRI (Ed. UNEP-FI & UN Global Compact), Universal Owner Project, Report on Universal Ownership and Environmental Externalities
- 29 C McGlade and P Ekins (2015) artigo mostra que um terço dos combustíveis fósseis ficarão ociosos se a política internacional de clima tentar manter o limite de 2 graus. Em "The geographical distribution of fossil fuels unused when limiting global warming to 2°C". Nature. Volume 157
- 30 Para detalhes ver [www.unep.org/greeneconomy/portals/88/repository/UNEP-SSC-China.pdf](http://www.unep.org/greeneconomy/portals/88/repository/UNEP-SSC-China.pdf). A necessidade de abordagens plurais na sustentabilidade ambiental tem sido articulada em vários níveis, e refletida nas as decisões do Conselho de Administração do PNUMA (GC 27/8); Disponível em [www.unep.org/gc/gc27/docs/Decisions\\_adopted\\_by\\_the\\_first\\_universal\\_session\\_%28advance%29.pdf](http://www.unep.org/gc/gc27/docs/Decisions_adopted_by_the_first_universal_session_%28advance%29.pdf); mais recentemente, nos termos da Resolução 1/10 do UNEA, em diferentes visões, abordagens, modelos e ferramentas para alcançar a sustentabilidade ambiental no contexto do desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza, Samoa Pathways, documento final da 3ª Conferência Internacional sobre Pequenos Estados Insulares (SIDS) em seu parágrafo 25, disponível em [www.sids2014.org/index.php?menu=1537](http://www.sids2014.org/index.php?menu=1537); Também ver Agenda 21, JPOI, Rio +20, Millennium Declaration.
- 31 O PNUMA liderou, e muitas outras agências das Nações Unidas participaram, da "Iniciativa Economia Verde", que constitui uma das nove "Iniciativas Conjuntas da Crise", lançada pelo Secretário-Geral da ONU em 2009, em resposta à crise financeira global. Juntos, eles elaboraram a definição de "economia verde". Não havia muitas definições anteriores sobre o tema. A mais antiga é de Pearce, Barbier & Markandya, "Blueprint for a Green ECONOMY", 1989, Earthscan
- 32 Para um atualização acerca dessas iniciativas, ver [www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/GEI%20Highlights/GE\\_flyer\\_October27\\_web-ready.pdf](http://www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/GEI%20Highlights/GE_flyer_October27_web-ready.pdf)
- 33 UNEP (2013), Green Economy Report – "Waste: Investing in energy and resource efficiency", pg. 291. [www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/ger/GER\\_8\\_Waste.pdf](http://www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/ger/GER_8_Waste.pdf)
- 34 "Jobs for Tomorrow: The Potential for Substituting Manpower for Energy, (1982), and "The Product-Life Factor", (1981)
- 35 Ver exemplo do airbnb; [www.reuters.com/article/2014/03/20/us-airbnb-financing-idUSBREA2J17Z20140320](http://www.reuters.com/article/2014/03/20/us-airbnb-financing-idUSBREA2J17Z20140320);
- 36 Para uma discussão sobre este assunto, ver The Economist, 26 de Abril de 2014, e The Harvard Business Review, 13 de Outubro de 2014, no [www.hbr.org/2014/10/how-uber-and-the-sharing-economy-can-win-over-regulators/](http://www.hbr.org/2014/10/how-uber-and-the-sharing-economy-can-win-over-regulators/)
- 37 Ver [www.pachamama.org/advocacy/rights-of-nature](http://www.pachamama.org/advocacy/rights-of-nature); [www.therightsofnature.org/what-is-rights-of-nature/](http://www.therightsofnature.org/what-is-rights-of-nature/)
- 38 Para uma discussão sobre o valor intrínseco e instrumental da natureza, ver [www.nature.com/scitable/knowledge/library/intrinsic-value-ecology-and-conservation-25815400](http://www.nature.com/scitable/knowledge/library/intrinsic-value-ecology-and-conservation-25815400)
- 39 Rockstrom et al, (2009), "Planetary Boundaries: Exploring the safe operating space for humanity". Ecology and Society 14(2): 32
- 40 Para as publicações do UNEP Inquiry, ver <http://web.unep.org/inquiry/publications>
- 41 Scientific Assessment of Ozone Depletion 2014. UNEP and WMO
- 42 P Sukhdev (2012), "Corporation 2020", Island Press
- 43 Repetto, Robert, and Daniel Dias. (2006) "TRUEVA: A New Integrated Financial Measure of Environmental Exposure." In Yale Center for Environmental Law & Policy Working Paper Series, edited by Anastasia O'Rourke
- 44 IFC (2013), IFC Jobs Study: "Assessing private sector contributions to job creation and poverty reduction", p. 4. [www.ifc.org/wps/wcm/connect/0fe6e2804e2c0a8f8d3bad7a9dd66321/IFC\\_FULL+JOB+STUDY+REPORT\\_JAN2013\\_FINAL.pdf?MOD=AJPERES](http://www.ifc.org/wps/wcm/connect/0fe6e2804e2c0a8f8d3bad7a9dd66321/IFC_FULL+JOB+STUDY+REPORT_JAN2013_FINAL.pdf?MOD=AJPERES)
- 45 UNEP, (2015), "Inquiry into the Design of a Sustainable Financial System: Policy Innovations for a Green Economy", UNEP, (2015), Disponível em [www.unep.org/greeneconomy/financialinquiry/portals/50215/Inquiry\\_expanded.pdf](http://www.unep.org/greeneconomy/financialinquiry/portals/50215/Inquiry_expanded.pdf); see also [apps.unep.org/publications/index.php?option=com\\_pub&task=download&file=011401\\_en](http://apps.unep.org/publications/index.php?option=com_pub&task=download&file=011401_en)
- 46 Para acessar algumas das publicações do UNEP FI, ver [www.unepfi.org/publications/](http://www.unepfi.org/publications/). Publicações mais recentes sobre seguros sustentáveis estão disponíveis em [www.unepfi.org/publications/insurance/](http://www.unepfi.org/publications/insurance/)
- 47 European Communities, (2008), *The Economics of Ecosystems & Biodiversity – Interim Report*

# DESCOBRINDO CAMINHOS PARA UMA ECONOMIA VERDE E INCLUSIVA

UM RESUMO PARA LÍDERES

[www.unep.org](http://www.unep.org)

Programa das Nações Unidas  
para o Meio Ambiente

P.O. Box 30552 Nairobi, 00100 Kenya

Tel: (254 20) 7621234

Fax: (254 20) 7623927

E-mail: [publications@unep.org](mailto:publications@unep.org)

web: [www.unep.org](http://www.unep.org)



**PNUMA**

